

**Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
Instituto de Ciências Humanas – ICH
Pós-Graduação Lato Sensu em História da África**

Karla Aparecida da Silva

Na Trilha da Língua Portuguesa

Juiz de Fora
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SILVA, Karla Aparecida da.

Na Trilha da Língua Portuguesa / Karla Aparecida da SILVA. – 2017.

37 p.

Orientador: Angelo Alves CARRARA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. História da África. 2. Língua portuguesa. 3. Vocabulário. I. CARRARA, Angelo Alves, orient. II. Título.

Karla Aparecida da Silva

Na Trilha da Língua Portuguesa

Trabalho de conclusão de curso de Pós-graduação em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, elaborado e submetido ao programa de pós-graduação como requisito necessário para certificação da Especialização em História da África.

Orientadora: Prof. Dr. Angelo Alves Carrara.

Juiz de Fora - MG
2017

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
1.1	A ORIGEM DAS PALAVRAS.....	4
1.2	EXTRAPOLAÇÃO DO JOGO.....	5
2	A INFLUÊNCIA DOS ESCRAVIZADOS DE MOÇAMBIQUE NO VOCABULÁRIO DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL.....	8
3	IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NA ESCOLA.....	9
4	PORTUGUÊS MOÇAMBICANO E LÍNGUA DE MOÇAMBIQUE.....	10
4.1	EXPANSÃO BANTU.....	16
5	CONCLUSÃO.....	18
	REFERÊNCIAS.....	19

1 INTRODUÇÃO

Língua é a carteira de identidade de um povo.

Zeca Baleiro

1.1 A ORIGEM DAS PALAVRAS

O conjunto de palavras de uma língua pode ser formado por palavras de muitas outras línguas. A língua portuguesa, por exemplo: origina-se do latim e ao longo de sua história incorpora inúmeras palavras e expressões de origem árabe, tupi, africana etc. Por essa razão muitas das características ortográficas hoje presentes na língua portuguesa se devem à origem das palavras, isto é, à tradição histórica que elas têm. (Autor desconhecido).

O Brasil com sua enorme extensão territorial, com sua variada formação étnica tem, sem dúvida, um falar diferente em cada um de seus Estados.

Como falar é antes de tudo uma ação de caráter cultural, basta olharmos um pouco da nossa história para entendermos isso melhor. Quando os portugueses chegaram aqui, encontraram um país povoado por milhares de índios, de tribos, línguas e costumes diferentes. Algum tempo depois trouxeram para cá os escravos africanos, também de variadas regiões daquele continente, com costumes, crenças e falares bem diferenciados. A essa mistura de culturas, acrescentaram-se mais tarde as influências das colônias europeias, asiáticas e americanas que para cá vieram.

Cada região do Brasil teve em seu vocabulário maior ou menor influência dessas culturas ou da miscigenação delas. A regionalização do nosso vocabulário é tão grande que os próprios brasileiros muitas vezes desconhecem diversos termos que se falam por aqui.

Apresento um jogo de trilhas de Língua Portuguesa, nesse projeto vou trabalhar com alunos de 6ª ao 9ª ano para mostrar a eles a diversidade da nossa língua, sabemos que devido ao número de informação recebida através dos meios

de comunicação, muito do nosso vocabulário brasileiro tem-se perdido com o tempo. Dando espaço a outros termos, principalmente as gírias, que são usadas de acordo com o ambiente familiar dos alunos.

Convido o aluno a refletir sobre o conceito de classes de palavras, no decorrer desta atividade, ele será levado a identificar o papel desempenhado por essas palavras (substantivos, adjetivos, verbos...). A partir da apresentação do que são classes de palavras, continuamos o trabalho com os conhecimentos linguísticos. Essas atividades servem de incentivo para o aluno compreender a importância de entender e utilizar a classe gramatical.

Utilizando as palavras da trilha e seus significados posso também solicitar aos alunos que elaborem frases a fim de praticar o novo conhecimento adquirido. É importante promover a atividade de modo que todos tenham a oportunidade de falar, caso desejem, expondo sobre a importância do jogo de trilhas para apreensão de novos conhecimentos. O jogo também será importante para lembrar que na realização de um trabalho em grupo, deve-se respeitar ao máximo as opiniões e as ideias de seus interlocutores. Eu acredito que cada situação dentro da sala de aula é uma maneira de ensiná-los a usar a linguagem com mais eficiência e usar o vocabulário com mais competência. Conhecendo as palavras e sua origem os alunos refletirão sobre a intenção que seu texto está sendo escrito e para quem ele está escrevendo. Ajudando a ler e a escrever com mais facilidade.

1.2 EXTRAPOLAÇÃO DO JOGO

Na Trilha da Língua Portuguesa

Objetivo:

- Promover reflexão e debate sobre estereótipos e preconceitos cristalizados no modo de pensar das pessoas, sobre o povo negro e sua cultura.
- Compreender a intervenção de outras culturas na formação da própria cultura brasileira.
- Avançar no processo da escrita.

- Desenvolver atitudes de interação, de colaboração e troca de experiências entre o grupo.
- Ampliar o vocabulário procurando o significado de palavras que considerarem incompreensíveis.

Material necessário:

- Dois dados;
- Alfabeto móvel;
- Cartela da trilha.

Preparação:

- Xerocar a cartela da trilha para cada grupo de três a quatro alunos.

Desenvolvimento:

- Sortear o jogador que irá iniciar o jogo.
- Lançar os dados, anotar o número de casas de acordo com o número sorteado nos dados e seguir as ordens da trilha.
- Se o jogador sorteado lançar o dado e cair no número ele passa a vez.
- Se o jogador sorteado lançar o dado e cair na figura do tabuleiro ele terá que, com o auxílio do alfabeto móvel formar a palavra que está representada no tabuleiro.
- Vencerá o jogo aquele que primeiro alcançar a chegada.

Sugestão para extrapolação do jogo:

- Estimular a curiosidade dos alunos, adquirindo a facilidade para a leitura e a produção de textos com novas palavras.
- Fazer um levantamento sobre outras palavras que são usadas no nosso dia a dia e que foram trazidas pelos escravizados para o vocabulário português do Brasil.
- Lembrar aos alunos que, ao escrevermos qualquer enunciado, devemos sempre relê-lo a fim de verificar se Le está compreensível ao nosso leitor.



Figura: Letras para a formação de palavras no jogo
 Fonte: Desenvolvido pela autora, Karla Aparecida da Silva.

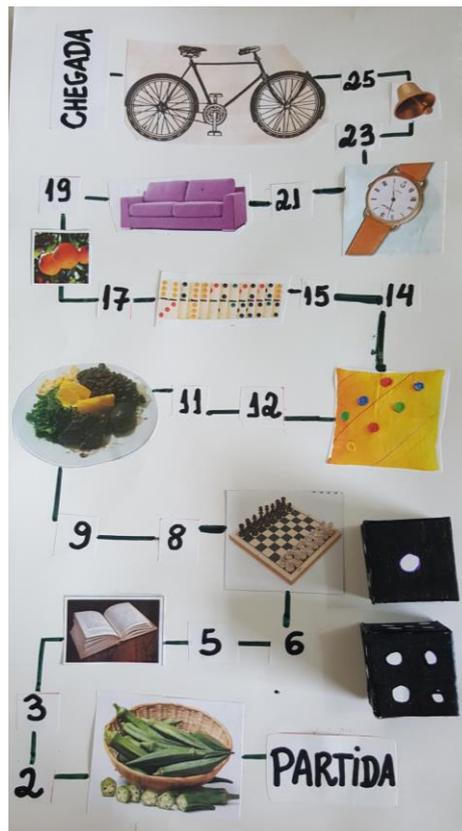


Figura: Tabuleiro e dados do jogo
 Fonte: Desenvolvido pela autora, Karla Aparecida da Silva.

2 A INFLUÊNCIA DOS ESCRAVIZADOS DE MOÇAMBIQUE NO VOCABULÁRIO DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

Alberto da Costa Silva afirma que

“A África nos valeu para expressar gestos e ações além de nos ter legado os substantivos com que designamos vegetais, comidas, adornos, danças, instrumentos de música e os mais diferentes objetos que atravessaram durante tantos séculos o Atlântico.”.



3 IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NA ESCOLA

Não há homens inteligentes do que aqueles que são capazes de inventar jogos. É aí que o seu espírito se manifesta mais livremente. Seria desejável que existisse um curso inteiro de jogos matematicamente (LEIBNIZ).

A socialização da criança é feita por intermédio de regras que representam o limite que regula as relações presentes entre as pessoas. Por meio dessa estrutura de jogo, o aluno pode construir normas para suas brincadeiras e, assim, descobrir, interagir e ampliar seus conhecimentos.

O futuro do aluno envolve sua inserção no mundo do trabalho. Nessa inserção, o jogo de regras representa um papel importante. Por meio dele, a criança é colocada em contato com restrições, limites, possibilidades, enfim com uma vida regularizada e harmônica. “Sem regra não há trabalho e sem trabalho não há regra.” (MACEDO). Na área de línguas, pode-se comparar uma partida de jogo de regras a uma produção textual, pois ambos são necessários interpretar para tomar decisões, conferir significações, atribuindo sentido aos diferentes momentos da partida, produzir uma sintaxe e ordenar logicamente as jogadas etc.

Com a utilização de um jogo, nunca se está perdendo tempo. Com eles, os alunos aprendem a aprender, a estudar, a investigar, a tomar decisões, a analisar as condições etc. É importante conscientizar que o jogo não é apenas um entretenimento, pois também envolve responsabilidade, respeito pelos demais jogadores e pelo grupo em geral, uma vez que não se trata de passar algum tempo brincando, mas de aprender, de forma divertida, o máximo possível.

4 PORTUGUÊS MOÇAMBICANO E LÍNGUA DE MOÇAMBIQUE

Eu fiz o estudo das línguas de Moçambique para fazer um recorte, pois se eu fosse descrever todas, o trabalho teria um outro aspecto.

O português é a língua oficial e a mais falada do país, usada por pouco mais da metade da população (50,4%), 39,7% principalmente da população africana nativa usam o português como segunda língua e 12,78% falam-no como primeira língua. A maioria dos moçambicanos que vivem nas áreas urbanas usa o português como principal idioma.

As línguas bantas de Moçambique que são as mais faladas no país, variam muito em seus grupos e, em alguns casos são bastante mal analisadas e documentadas. As línguas bantu formam um ramo do grupo benue congolês da família linguística nígero-congolesa com mais de 600 línguas. São faladas, sobretudo, nos países africanos ao sul do Equador, por cerca de 300 milhões de pessoas principalmente por bantus.

O idioma bantu com o número maior de falantes é o swaíle. Outras línguas bantus importantes incluem o lingala, o luganda, o quicongo, o quimbundo, o umbundo, o chocue e o nianja na África central e oriental, e o xona, o ndebele do norte, o tsuana, o sesoto, o zulu, o xhosa, o ovambo, o sepedi, e o suazi na África Meridional.

Os idiomas bantu foram classificados por Malcolm Guthrie em 1948 em grupos de acordo com zonas geográficas. Guthrie também reconstruiu o protobantu como protolíngua deste grupo de idiomas. A atual abrangência do grupo lingüístico deve-se à expansão bantu que provavelmente ocorreu aproximadamente 2000 anos. A palavra bantu foi primeiramente usada por W. H. I. Bleek (1827-75) com o significado de povo como é refletido em muitos dos idiomas deste grupo – em muitas destas línguas, usa-se a palavra ntu ou dela derivada referindo-se a um ser humano, ba- é um prefixo que indica o plural para seres em muitas destas línguas.

Renato Mendonça¹: era ousado e sustenta antecipando o que hoje se reconhece que o contributo do quimbundo fora mais importante que o iorubá na conformação do português do Brasil.

Yeda Pessoa de Castro²: há mais de 50 anos estuda línguas africanas e suas influências sobre o português do Brasil com pesquisas de campo nos dois lados do Atlântico, sendo ela a maior especialista brasileira no assunto.

Veja os exemplos citados por ela e que pelo menos uma vez ao dia usamos um deles, o que nos mostra que no plano vocabular, o de apreensão mais rápida.

“batucar”, “cochichar”, “xingar” – que devem ter vindo do quicongo ou do quimbundo.

Africanias – Como a bagagem cultural submergida no consciente iconográfico dos negro-africanos entrados no Brasil em escravidão e que se faz perceptível na língua, na música, na dança, na religião, no modo de se ver e de ver o mundo, e no decorrer dos séculos, como anos atrás. Expulsos de suas antigas terras pelas invasões seguidas do povo banto, a partir do primeiro século da nossa era terminaram refugiados e concentrados no deserto do Kalahari, na Namíbia.

A África não é um continente negro, mas um continente de população majoritariamente negra, e essa população encontra-se em territórios abaixo do deserto de Saara. Para Nina Rodrigues, os nagôs foram os mais influentes e numerosos na Bahia, embora suas pesquisas nunca tivessem passado do âmbito da Capital do Estado, chamada por ele pelo antigo nome de Bahia, sem esclarecer que se tratava da cidade do Salvador, à época, povoada de iorubas trazidos para Salvador e região circundante do Recôncavo em numerosos contingentes na última fase do tráfico, no século XIX, quando o Brasil passava por um processo de desenvolvimento urbano que exigia a concentração de mão de obra escravizada nas cidades. A entrada dos bantos, porém, ocorreu desde o início do tráfico no século XIX, e foram dirigidos para todos os núcleos coloniais em formação que demandavam mão de obra escravizada.

Dentro deste contexto cabe esclarecer que a denominação yorubá segundo o renomado historiador nigeriano Saburi Bisbaku, vem do termo árabe yariba, através dos haucas, povo islamizado da região norte da Nigéria, que assim chamavam os seus vizinhos do Antigo Império do Oyó.

Bleek e mais tarde Carl Meinhof fizeram estudos comparativos das gramáticas dos idiomas bantus. Em Moçambique, por exemplo, a língua principal do sul do país é a língua tsonga, embora os seus dialetos, changana, ronga e xitswa

sejam muitas vezes considerados línguas. A característica gramatical mais proeminente dos idiomas bantus é o uso extensivo de prefixos. Cada substantivo pertence a uma classe e cada idioma pode ter aproximadamente dez classes, um pouco como gêneros em idiomas europeus.

Banto e ioruba são designações contemporâneas na própria história da África, conseqüentemente não fazem parte da nossa história colonial onde os primeiros eram identificados por congos, angolas, benguelas etc. de acordo com a sua procedência africana, enquanto os iorubas no Brasil, ainda são tradicionalmente apelidados por nagôs. O termo ioruba só começou a ser divulgada e popularizada entre nós a partir de 1961 quando foi oferecido o primeiro curso dessa língua pelo CEAO (Centro de Estudos Afro Orientais), o quimbundo, que ele justifica “porque exerceu no português uma influência maior do que nagô devido ao seu uso mais extenso e mais antigo.”.

Quimbundo: língua da família banta, falada em Angola pelos ambundos.

Renato Mendonça: trouxe para os estudos da constituição do português brasileiro, ao introduzir e legitimar nessa história a participação dos falantes negro-africanos, o que ainda hoje encontra certa resistência por parte dos filólogos e linguistas brasileiros. Preferem continuar atribuindo a fatores de ordem extralinguística, o afastamento do português do Brasil do de Portugal, ignorando que no isolamento territorial de três séculos a que foi submetido pela Coroa Portuguesa, o Brasil era habitado por um contingente de negros escravizados, superior em número ao de portugueses e falavam línguas nativas articuladamente humanas. Levados a adquirir a língua do colonizador como língua estrangeira, terminaram imprimindo necessariamente, nesse novo falar hábitos linguísticos de seu falar materno que proporcionaram a configuração da modalidade da língua portuguesa transplantada para o Brasil e mostra-se contra essa postura discriminatória da parte dos estudiosos brasileiros em relação às línguas negro-africanos, ao afirmar que na “gênese da sua constituição, o dialeto brasileiro, além da separação do português do Brasil do português de Portugal teve na América outros fatores diferenciais.” Referia-se à participação dos falantes indígenas e africanos, mas criticando a proeminência indevida que se conferiu ao índio com prejuízo do negro na formação da nacionalidade brasileira. Ao final termina por dizer que “o negro, suado e esfalfado, trabalha sob o chicote, não oferece a mesma poesia do índio aventureiro que erra

pelas florestas”, atribuindo essa ideia fantasiosa, então popularizada, ao imaginário construído pelo indianismo da literatura de Gonçalves Dias.

Tanto Silva Netto quanto Mello retomam e confirmam a observação de Mendonça sobre o caráter arcaizante e conservador da língua no Brasil que a tornou diferenciada da de Portugal, destacando na conclusão que “a língua portuguesa nunca deixou de ser ideal empregados por escritores brasileiros”, entre os quais a maioria é proveniente do quimbundo, mas também do quicongo, comprovada por pesquisas recentes, as quais também apontam os termos fon identificados por engano como de étimo iorubá. Houve também a indicação das áreas geográficas de ocorrência de cada termo e as de uso associados a diferentes contextos socioculturais de linguagem bem assim daqueloutros que já eram de uso geral e correntes do Brasil a ponto de tomarem o lugar de seus equivalentes em português, sem consciência, por parte dos falantes brasileiros, de que se tratavam de palavras africanas, muito menos de banto. Entre eles, registrados por Mendonça, **caçula** por benjamim, **cachaça** por aguardente, **cochilar** por dormir, **xingar** por insultar, **marimondo** por vespa, **mulambo** por trapo que ainda são desconhecidos ou pouco usuais na linguajar lusitano. Dentre os diversos exemplos, só a palavra jimbo com o sentido de dinheiro, não foi incorporada pelo uso geral ao português do Brasil, não passando da categoria de gíria, enquanto **cabaço** e **mataco**, que nomeiam partes do corpo humano e funções sexuais, também continuaram marginalizados como termos chulos, de baixo calão, graças a sua inclusão em recentes repertórios da nossa música popular, o bantuísmo **bunda** passou a ser um termo usado por todos os brasileiros, sem nenhum constrangimento. Por outro lado senzala, assim com bangüê, banzo, mucama já são termos de aspectos arcaizante por associados ao tempo da escravidão, mas que também denunciam a antiguidade do povo banto no Brasil, tese defendida por Mendonça e reconhecida por parte dos pesquisadores que se dedicam a estudar as marcas de africania no português.

Outra informação importante da análise do vocabulário de Mendonça que vale comentar é a definição de samba como “dança de negros”, seguida da explicação de que “hoje é termo bem vivo no sentido de composição musical”. A palavra **samba** do étimo quimbundo/quicongo **kusamba** significa rezar, orar para os deuses e ancestrais, sempre festejados com danças, cânticos e músicas, celebrações que certamente eram vistas com estranheza e de caráter lúdico pela

cadência rítmica e gestual da dança, o que antes era dança de negros foi esvaziado do seu conteúdo religioso original e o samba oração negro-africano foi apropriado na categoria de gênero musical dançante para se tornar mundialmente reconhecido como a mais autêntica e representativa expressão da musicalidade brasileira.



Mendonça atribuiu origem tupi à palavra **mocotó**, com certeza levado por aquela onda do indianismo brasileiro que ele criticava. O mocotó ou mão de vaca, iguaria muito popular no Brasil é **banto**, jamais poderia ser de origem indígena, os indígenas brasileiros desconheciam o gado bovino.

Em resumo, Renato Mendonça não tem a pretensão de ser definitivo, como ele próprio declara, é, porém contribuição ponderável, que o tempo e o estudo terão de ampliar, para o melhor do conhecimento do nosso idioma.

A predominância da família bantu com 168 línguas é assim esmagadora, principalmente devido à sua unidade, e empregada por milhões de africanos da Cafraria ao golfo da Guiné. São línguas excessivamente ricas, e até cada modo de andar se exprime por um nome especial. De 1450 até 1455, o suprimento anual de pretos introduzidos em Lisboa orçava de setecentas a 800 peças e por volta de

1530, subiam a dez e doze mil os escravos entrados no Tejo, quer para uso da metrópole e colônias, quer a fim de exportação para país limítrofe.

Desta forma, se nos guiarmos pelas informações de padre José de Anchieta em 1585, havia na colônia uma população de 57.000 almas, das quais 14.000 escravos da África, sendo 10.000 em Pernambuco, 3.000 na Bahia, e cerca de uma centena no Rio de Janeiro.

A história do tráfico é, portanto, ao lado de estatísticas avulsas, o guia mais seguro para discriminar as procedências variadíssimas dos negros brasileiros, por muito tempo foi crença geral que os negros brasileiros eram quase sua totalidade do sul da África pertencentes assim ao grupo Bantu. “Minas” foi um nome vago que se deu aos negros oriundos do forte de São Jorge da Mina, na África. Havia os Minas, Achanti, de língua achanti e os Minas Popes, de língua Tchi. Eram os Agoins da África. “Fantees” era o nome dos Minas da costa do Ouro.

A classe no domínio africano é, portanto, a representante da noção de gênero das línguas indo europeias e a sua existência domina as línguas bantu. Distinção acessória entre “nome” e “verbo”. Uma vez desaparecido o afixo ou incorporado ao radical, só a posição da palavra na frase e nada mais, permite distinguir o nome do verbo. É verdade que em alguns casos, o verbo tem um afixo que lhe designa a conjugação e o substantivo derivado se denuncia como tal através de seu prefixo de derivação.

Além do Brasil e Portugal, falam o português: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor. Mas como é que essa influência africana entrou na língua portuguesa de uma maneira tão forte? É que nos países da África, além de falar o português, eles falam a língua local.

E apesar da colonização desses países da África pelos portugueses, os africanos não deixaram de se comunicar em suas línguas maternas (nagô, ioruba, quicongo, umbundo e quimbundo). Na época do tráfico de escravos negros para o Brasil, um dos cuidados que os colonizadores tinham era o de não transportar muitos negros que fossem da mesma língua. Assim eles acreditavam que os negros que fossem da mesma etnia, ou seja, que não falassem a mesma língua não se comunicariam e, portanto, não conseguiriam se rebelar contra a condição de escravidão.

4.1 EXPANSÃO BANTU

A cultura material: desenvolvimento próprio do neolítico.

Produção de materiais utilizados por sociedades sedentárias. Agricultura: descoberta/invenção por volta de 3.000 a.C., cereais: sorgo e arroz, plantas africanas.

Centro oeste: arroz, sorgo, milhete e gergelim

Abissíno: café, eucete, teff

Mediterrâneo: oliveira e arganier

Ferro:

- a) Uso estatal, etapas evolucionistas
- b) Métodos de datação: sítios arqueológicos: povoamento
- c) Estudos históricos através da linguística
 - A) Greenberg e Guthrie
 - B) Obenga

Diversidade linguística: Demarcar os povos é mais difícil que demarcar as línguas, até o final do século XIX a África não era colonizada. A presença europeia está na África ao longo do século XVI a XIX. A complexidade do tronco linguístico é de uma diversidade muito grande. As línguas africanas eram consideradas dialetos; em algumas regiões do Egito fala-se árabe.

Algumas influências externas

Línguas europeias: Estado colonial, a partir desse estado que a África foi demarcada.

1945 – Liga árabe

Ao contrário do que muita gente acredita os bantos não são um povo, nem sequer são uma etnia. Banto é um tronco linguístico, ou seja, é uma língua que deu origem a diversas outras línguas africanas. Hoje são mais de 400 grupos étnicos que falam línguas bantas, todos eles ao sul do Equador. Pertence ao grupo nígero-congolês e ao negro egípcio.

Ba-{ntu}

Kongo – Angola – rota do tráfico negreiro

Migração bantu – 1ª fase – II Milênio a.C.

2ª fase – 900 a.C., Outras ondas migratórias – Era cristã

Xhosa – África do Sul

Zulu – África do Sul

Temporalidades e organizações social

Multiplicidade linguística e diversidade sócio-cultural

Um outro fenômeno que causou danos ao estudo objetivo do passado africano foi o aparecimento, com o tráfico negreiro e a colonização, de estereótipos raciais criadores de desprezo e incompreensão, tão profundamente consolidados que corromperam inclusive os próprios conceitos da historiografia. Desde que foram empregadas as nações de “brancos” e “negros” para nomear genericamente os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, os africanos foram levados a lutar contra uma dupla servidão econômica e psicológica. Marcada pela pigmentação de sua pele, transformando em uma mercadoria entre outras, e destinado ao trabalho forçado, o africano veio a simbolizar, na consciência de seus dominadores, uma essência racial imaginária e ilusoriamente inferior: a de negro.

A língua é, em si mesma, o lugar desse pensamento, o seu suporte. Sabemos que, por motivos históricos, o árabe e as línguas semitas, como também o francês, o português, o africâner e o inglês depositaram por vários séculos e mesmo alguns milênios, uma quantidade considerável de vocabulários em muitas línguas africanas.

5 CONCLUSÃO

O estudo da influência dos escravizados de Moçambique no vocabulário do português falado no Brasil trouxe-me a amplitude de conhecimentos da língua portuguesa, foi desafiador buscar por conteúdos que eu não estudava a muito tempo. Um diálogo ativo e criativo com a nossa língua, ampliando minha capacidade de pensar, sentir e agir, pois através das palavras conhecemos o mundo.

Sei que o jogo aqui proposto contribuirá muito para a apreensão de novos conhecimentos, a riqueza de significados que as palavras podem ter, pois muitas vezes não estamos seguros quanto à maneira certa de escrevê-las, palavras certas no lugar certo.

Concluo esse trabalho da Pós-graduação em História da África com a certeza de que fiz o meu melhor, foi um tempo de aprendizado que gerou frutos para a minha vida acadêmica e profissional. Sei que descobri muitas coisas, foi intrigante saber sobre a origem das palavras, sua formação e como os escravizados foram de suma importância para termos esse vocabulário riquíssimo que temos hoje no Brasil.

“Ninguém experimenta a profundidade de um rio com os dois pés.”
(Provérbio africano)

REFERÊNCIAS

BOKOLO, Elikia M. **África Negra: História e civilizações**. Salvador: EdUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, v.II, p. 130-131.

CEIÇA, Maria. Estou cansada de ouvir dizer que não temos atores negros suficientes. **TV a Bordo**. 16 abr. 2015. Entrevista concedida a Warlen Pontes. Disponível em: <<http://www.tvabordo.com.br/2015/04/maria-ceica-estou-cansada-de-ouvir.html>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

FACULDADE EDUCACIONAL DE COLOMBO. **Cultura Africana: Palavras e suas origens**. Colombo, PR: Portal da Cultura Afro-brasileira, 2013. Disponível em: <https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/2_III.php>. Acesso em: 5 jan. 2017.

HISTÓRIA Geral da África. In: **Wikipédia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Historia_Geral_da_África>. Acesso em: 5 jan. 2017.

IMPORTÂNCIA dos jogos na escola. [2011]. Disponível em: <<https://ensfundamental1.wordpress.com/287-2/677%C2%A0/>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

PINTO, Marta Pontes; DIAS, Eliana; OLIVEIRA, Lazúita Goretti. **Curiosidades sobre as línguas do Brasil**. Uberlândia, MG: Portal do Professor MEC, 2014. Ficha técnica de aula, nº 58595. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=58595>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

Meu nome é Karla Aparecida da Silva, tenho 41 anos, estou solteira, não tenho filhos, sou natural de Juiz de Fora, moro com minha irmã, sobrinhas e cunhado. No momento não estou dando aulas, tive que arrumar um emprego numa clínica de neurologia como atendente, estou gostando, apesar de ser muito diferente ao que eu fazia. Eu sou de uma família de cinco irmãos, uma irmã que é gêmea comigo, ela se chama Keila, tenho mais irmãos: Walerson, Wanderson e o Tiago que se tornou nosso irmão de coração há 22 anos. Meus pais graças a Deus são vivos e muitos jovens, minha mãe chama-se Luiza e tem 63 anos, meu pai é Pedro tem 65 anos. Os dois estão aposentados, vivendo à maneira deles. Minha infância foi muito difícil, pois morávamos numa casa que nós apelidamos de “dois pra lá, dois pra cá” de tão “grande” que ela era. Uma certeza eu tenho que até aqui o SENHOR nos ajudou, pois ficávamos a maior parte do tempo sozinhos. Foram vários episódios de acidentes ficamos muito conhecidos na COTREL, onde ultimamente funciona o HPS. Você imagina três crianças: uma de sete anos e duas de cinco? Eu e meus irmãos fomos estudar na Academia, escola de renome onde só estudava quem tinha situação financeira privilegiada, sofremos na pele o racismo por sermos filhos do funcionário da gráfica Esdeva, como podia crianças tão desprovidas estudar naquele meio? Morávamos em Santa Luzia e não conhecíamos o que era uma escola daquele tamanho, dava até para se perder lá dentro. Estudava de graça na Academia, mas o material era muito caro, tinha também o uniforme que era obrigatório. Meu pai nunca teve muito juízo, achava que o necessário estava bom e sempre privilegiava meus irmãos. Lá na Academia estudava o Alessandro e o Magno que são meus amigos até hoje. Com treze anos comecei a trabalhar, pois via que a única maneira de melhorar era com o trabalho como guarda-mirim, fui atendente de padaria, e aos 19 anos já estava com o ensino médio completo fui contratada numa creche onde permaneci por quatro anos. Eu gostava demais de baile *funk*, mas sempre com o desejo de fazer curso superior, no terceiro ano do ensino médio tive uma aula com a professora Clélia, que fumava sem parar dentro de sala, mas ensinava aquilo que nos livros não tinha, por exemplo, como ser uma pessoa de bem ou do bem através da educação.

Em 1995, me decidi a fazer o vestibular pra Letras, tentei na Federal não deu, no mês seguinte fui para o CES e fui classificada graças a Deus era o início da realização de um sonho. Sonho esse que foi interrompido em 1997 devido à síndrome do pânico, permaneci nesse cárcere durante três anos, até o dia que eu me decidi a romper com essa doença que me fez prisioneira de mim mesma. Em 2001, voltei à faculdade, pois estava quase expirando meu tempo, em 2005, recebi o meu tão sonhado diploma de licenciada em Letras, fiquei uns meses ainda trabalhando no comércio, e tomei conhecimento de que estava no lugar errado, pois tinha sofrido tanto e merecia usufruir de todo ensinamento adquirido na faculdade. Comecei a lecionar em Novembro de 2005, e só deixei em Dezembro de 2015, pois perdi minha vaga após ser exonerada por causa da famigerada da lei 100. É vida que segue... Desejo muito voltar um dia à sala de aula se for da vontade de Deus, preciso ainda desconstruir muito desse preconceito que está intrínseco em mim, não é de uma hora pra outra, o trabalho é árduo, mas não é impossível, sei que a pós-graduação em História da África veio para me ajudar a ser uma pessoa melhor e entender o que realmente aconteceu nesses anos de sofrimento vividos pelos meus ancestrais, que bom que deu tempo de eu ver e ouvir outras versões, não somente aquelas onde se dizia que o negro era preguiçoso, que ele só servia para ser o progenitor, aquele que daria continuidade à raça e tantas outras versões ensinadas nas escolas por pessoas que não queriam dar “a cara para bater”. É muito interessante saber que existem pesquisadores que se empenham em mostrar toda a contribuição que a África deu e tem dado para a formação cultural do mundo.

**Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
Instituto de Ciências Humanas – ICH
Pós-Graduação Lato Sensu em História da África**

Portfólio Acadêmico

Karla Aparecida da Silva

**Juiz de Fora
Março de 2016**



PRIMEIRO TRABALHO APRESENTADO NA PÓS-ÁFRIKAS



REPENSANDO A APRENDIZAGEM ATRAVÉS DAS PRÁXIS

Como eu escrevi no memorial, não estou lecionando neste momento, provavelmente tentarei conciliar as duas funções no próximo mês. Ainda é um desejo, mas tenho sido grata primeiramente a Deus e aos professores e colegas do curso de Pós Graduação em História da África por tanta dedicação e aprendizado.

Eu estive professora de Português na rede estadual de ensino por quase dez anos, vi e convivi com muitas situações de racismo, *bullying*, desrespeito entre os alunos etc. Eu não conhecia essa África que me foi apresentada no curso, nem todo esse porte cultural que o continente africano produz.

Sei que muitas vezes também agi com preconceito, fui racista, pois me deixei levar por aqueles ensinamentos advindos do ginásio, onde os professores ministravam dentro das aulas de História, uma história desencontrada de como teria sido o processo de escravidão no país.

Colocava-se o negro como preguiçoso, indolente, resistente às ordens de seus senhores, não se falava sobre a valorização do negro, e as professoras não se manifestavam quando um aluno era ridicularizado dentro de sala. Lembro-me que uma vez um aluno pediu a professora para pedir a uma colega de sala para "abaixar" o cabelo, pois estava atrapalhando ele a copiar. A professora fez o que foi pedido e aquela cena serviu de deboche deixando a aluna constrangida.

Quando iniciei o curso tive muitas dúvidas, pois a minha formação é em Letras, mas sempre gostei de História, acho que seria uma boa opção se não tivesse feito Letras. Às vezes, fico confusa devido a alguns assuntos que eu não estudei e com o passar do tempo tudo vai se organizando e as ideias fluem.

Durante a minha práxis consegui colocar em prática alguns ensinamentos aprendidos no curso o ano passado, a começar pela questão da cor da pele. Trabalhei em escolas onde a população era a maioria negra e de baixa renda, alguns eram criados pela mãe, pois o pai estava "preso" ou já havia falecido, e vice e versa. Algumas das realidades vividas por mim no decorrer desses dez anos. Eu nunca fui a favor de apelidos, pois sofri demais com eles na infância, quando vejo

alguém colocar apelido no outro sempre me remete a uma história que eu escutei e que é verdadeira.

Há uns anos eu conversava com a Maria Tereza moradora do Rio de Janeiro e ela me contava que um vizinho dela havia sido chamado de "macaco" a vida toda e quando ele faleceu foram dar a notícia para as pessoas que eram amigas dele, só que ninguém o conhecia pelo nome de batismo, somente por "macaco", lamentável como esses apelidos viram a "marca" da pessoa. É como se a pessoa perdesse a identidade. Enquanto educadores, nós temos que mostrar aos alunos que eles são pessoas e devem ser respeitadas como qualquer outro ser vivente desse mundo. Sempre precisamos definir do quê estamos falando e por quê? Explicar aos alunos que a "África é berço da humanidade, da família, da vida coletiva, das migrações, da arte, da metalurgia, da agricultura e dos impérios."

Uma das aulas que me impactou foi "O comércio atlântico dos escravos":

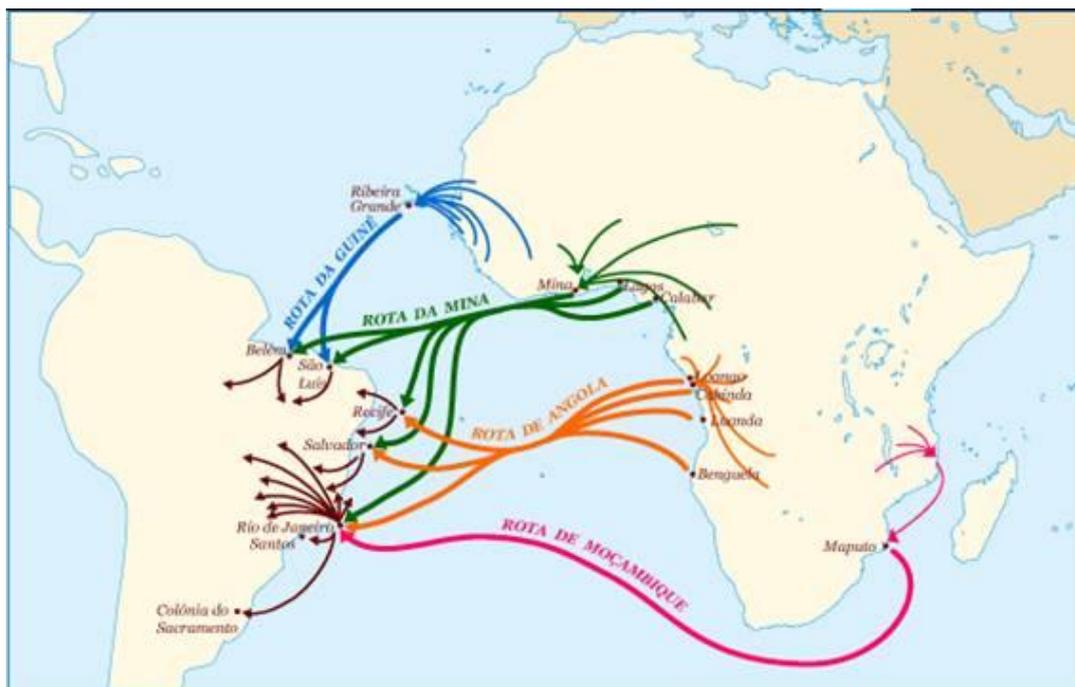


Figura: Mapa da rota do tráfico

Fonte: Extraída do blog de ePORTUGUÊSe (Disponível em: <eportuguese.blogspot.com>. Acesso em: 28 dez 2016.)

Onde se desfez dentro de mim todas as referências impregnadas do tráfico de escravos, eu tinha uma visão equivocada de tudo o que havia acontecido na África, Brasil e nos outros países que se aproveitaram desse processo.

Muitas descobertas foram feitas nessas aulas quando a professora Vaniclea mostrou-me que no período moderno de 1455 – ano inicial que os europeus chegam à África, a região do Saara que era habitada por negros e não por árabes como se diz. Os estudos mostram que em 1844 foi a partilha da África. Nesse período também aconteceu o processo chamado de **pilhagem** onde escravos africanos eram trocados por produtos como tecidos, miçangas, bebidas, entre outros. Esses escravizados eram levados para trabalharem nas grandes plantações de tabaco, açúcar, café e alimentavam com seus trabalhos a indústria europeia. A partir do século XV, a chegada dos portugueses e o processo de pilhagem aconteceu. De 1501 a 1875, 12.521.537 pessoas foram embarcadas e escravizadas (movimento forçado da história da humanidade). Desse quantitativo, 10.702.657 chegaram vivos, lamentavelmente no Brasil chegaram apenas 4.800.00 africanos, em toda minha vida escolar nenhum professor tinha passado esses dados tão verídicos da situação dos escravizados, outra triste realidade relatada pela professora dentro desse contexto é que quando se percebia a chegada de alguma autoridade para se vistoriar os navios que estavam fazendo o tráfico dos escravizados jogava-se parte dos negros e parte das mercadorias no mar, para se evitar qualquer impedimento. A escravidão foi importante para a formação do Brasil, os africanos foram muito mais que pessoas escravizadas. Uma viagem entre Angola e Brasil durava 35 dias, e entre Moçambique e Brasil em torno de três meses, passando por privação de comida, água, muitos deles morriam na travessia de fome e de doenças como: malária, febre amarela, disenteria e sarna.

Até hoje há um movimento chamado “fuga de cérebro” onde aquele africano é descoberto como gênio e ganha uma bolsa de mestrado ou doutorado, não voltando para a África, os que voltam são por compromisso nacionalista.

A visão imperialista abrange toda a África criando assim a Escola quantitativa, onde só importavam quem era o capitão, quantos navios estavam em alto mar traficando os negros etc. Esta escola obscureceu dimensões importantes do comércio atlântico de cativos, entre as quais: as vidas dos africanos, os mecanismos de produção de cativos na África, as formas de sociabilidade nos navios negreiros, a resistência.

Diferente da escola quantitativa formou-se também a escola atlanticista, a vida deles não começou nos navios e sim do trânsito da África para Brasil, as

relações sociais eram cunhadas no contexto do comércio de escravos, o uso da religião como arma de desafio e formação de laços comunitários nos navios. E ao caráter fluido das identidades sociais e culturais envolvidos no tráfico.

Um dos eixos centrais dessa nova historiografia é a reconstrução de trajetórias pessoais, sobretudo dos escravos e libertos, como ferramenta da história social.

Por que as pessoas eram escravizadas? A escravidão era uma forma de se vingar das pessoas, a ênfase no binômio guerra/escravização era parte do discurso usado pelos traficantes para justificar o comércio. As pessoas eram escravizadas menos por guerras e mais por terem cometido delitos. A produção de cativos também se dava através de métodos não militares; processos judiciais; banalização do processo; dívidas e outros crimes etc. A pessoa não nasce escrava, mas quando é capturada e vendida, ela se torna. Escravidão é a instituição mais antiga da África. Há conflitos em toda parte, pois uma etnia não se dava com a outra.

Independente de nossa origem familiar, todos nós brasileiros carregamos muito de África em todos nós mesmos. A história da África começa com a história dos seres humanos. A África é mãe de onde sai os primeiros filhos do mundo.

Estudar ou ensinar história da África é muito importante, pois faz parte da história da humanidade, como parte fundamental da História e de todas as outras disciplinas dentro desse nosso país tão diverso, culturalmente brasileiro, cultivando nossa identidade. Desafios teremos, visto que temos muitas "áfricas" na África e no Brasil, há uma pluralidade de conceitos e diversidade de opiniões seguidas de combinações e re-combinações de identidades diferentes em suas origens, diversos no tempo em que estes africanos foram trazidos, diversas no espaço para onde foram trazidos, misturas, contatos, reinvenção de identidades.

"África não é continente de escravidão." A ideia de África foi criada pelos europeus. Os africanos só foram ter ideia de África depois do século XX, nesses olhares eurocêntricos que a África tem sido inventada e reinventada.

A reinvenção da África passa por ação política, histórica e culturas diferentes. A África homogênea foi criada externamente, lá existia escravidão entre eles, havia disputas de poder. A inserção da África como terra de origem dos

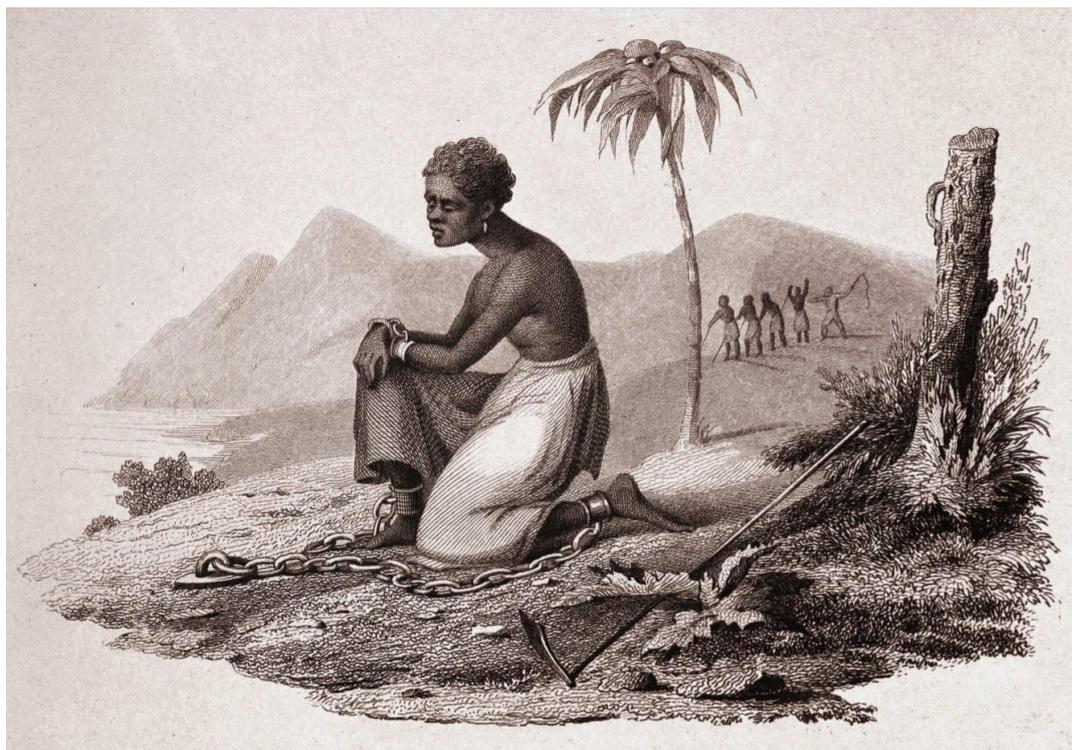
escravos na composição do mito das três raças, os negros entravam com a força do trabalho.

Segundo Sílvio Romero “cada raça estava vinculada a um estágio cultural da evolução humana que coincida sobre o potencial de criminalidade dos indivíduos que a compunha.”

Um dos filmes que assisti durante um dos módulos da pós-graduação foi “A negação do Brasil”, onde vi aqueles atores negros que fizeram parte da minha infância, que sou fã, falarem sobre os preconceitos vividos durante toda sua vida artística. Maria Ceíça que por ser casada com um francês já foi confundida com a babá de seus filhos dentro de um restaurante no Rio de Janeiro. Em uma entrevista concedida ao site TV a bordo, em 16 de abril de 2015, essa mesma atriz talentosíssima diz que “está cansada de ouvir que não temos atores negros suficientes”, ela conta também sobre a importância de ter ido à África para filmar em Cabo Verde, além da emoção de ser tão querida pelos telespectadores da cidade, deu a ela um ânimo novo de continuar na carreira, a qual ela completou 30 anos. Ela relata com tristeza saber que vários atores negros foram para outra profissão por não terem tido seus talentos reconhecidos. No filme, Toni Tornado conta que a Rede Globo gravou três finais da novela Roque Santeiro, visto que o ator era o capataz apaixonado pela Viúva Porcina (Regina Duarte). Como permitir que na década de 80 um homem negro, pobre, empregado de uma mansão terminasse com a patroa branca, rica? Fala do próprio ator. Nesse filme, aparecem também artistas renomados como: Cléa Simões, Leila Garcia, Zezé Motta, Antônio Pitanga, Milton Gonçalves, entre outros. Todos falam das alegrias e frustrações na carreira.

No módulo V, a professora Elaine Ribeiro trouxe o tema do Fim do tráfico dos escravizados e ocupação colonial.

O que é o trabalho para os africanos?



A relação abolicionismo e o colonialismo. O controle da mão de obra africana e administração colonial: faces convergentes da política imperialista gestada no século XIV por nações europeias. Devemos falar em processo abolicionista, a abolição do tráfico do comércio dos escravizados não é a mesma coisa que abolição da escravidão, pois muitos abolicionistas eram senhores de escravos.

Efeitos práticos – políticas graduais da passagem do escravo para liberto. Lei inglesa do aprendizado no Caribe: a ideia de que o africano não consegue se governar, essa ideia deriva de outra que coloca o negro como preguiçoso, indolente e não gosta de trabalhar (não querem se desenvolver como pessoas). Ele tem que aprender a ser livre sob a tutela dos seus senhores, esses ensinando aos escravos como viver a liberdade.

A incapacidade de autogoverno dos africanos e seus descendentes, ideia vinda do tráfico de escravizados, este chamado na documentação da época de “resgate”, “resgate para uma” vida melhor.

Missão imperial: conduzir à liberdade, conduzir à criação de nações livres – moldar um mundo melhor!

Humanitarismo – referências religiosas de “caridade cristã”, “apelo para acabar com as infâmias cometidas pelos homens.” (BOKOLO, 2011, p. 130-131). A escravidão é uma infâmia que corrói.

Porém, ideias abolicionistas e humanitárias não produziram um consenso de convivência entre os povos. Criacionismo: pensamento com base na ilustração racional, porém com influência religiosa, que afirma que toda a natureza é uma criação de Deus, portanto não existe uma evolução dos seres, mas uma criação divina.

Dando continuidade, a aula da professora Elaine Ribeiro no módulo VI me chamou atenção as relações de dependência e trabalho no contexto da metade do século XIX, onde existiam os carregadores das caravanas do comércio de longa distância, o comércio de longa distância é fomentado pelos europeus, visto que a tradição oral vai para muito além que contar histórias dos antepassados, a prática se emprega nas normas de conduta nos rituais de iniciação e comportamentos de um povo. Nele, há anciãos com habilidade para orientar os indivíduos. Sem os carregadores as mercadorias não vinculam, eles estão no imaginário ocidental, exerciam outras funções de caçador, ferreiro, artesão, músico, guia, entre outros.



Figura: Pombeiros e carregadores

Fonte: Extraída do blog de Telémaco A. Pissarro (Disponível em: <tpissarro.com>. Acesso em: 28 dez 2016.)

Além de prestar o serviço de transporte um carregador com uma destas funções prestava também seus serviços ao demais da caravana e as populações por onde passavam. As caravanas eram compostas por homens, mulheres e crianças. Os homens carregavam os produtos do comércio, as mulheres os pertences do grupo e as crianças ajudavam os adultos, entre as crianças e adolescentes existiam os Kibese – aprendizes de carregador.

Realizar uma função como a de caçador, artesão ou ferreiro podia ser vantajoso ao carregador, porque na organização caravaneira ele poderia se destacar e, ao inspirar respeito nos seus companheiros, angariava prestígio entre si.

As caravanas acabam atraindo pessoas de várias linhagens, tornando-se uma sociedade em movimento. Durante a caminhada os caravaneiros vão à frente dão sinal utilizando os tambores como linguagem própria, qualquer sinal de perigo pode ser detectado através do toque do tambor, os caravaneiros tem que conhecer o som como forma de avisar a presença de perigo. O rito de iniciação é uma instituição educacional.

A) Feminino: feito na própria aldeia, os portugueses não vão nunca reconhecer o poder feminino.

B) Masculino: feito fora da aldeia, quem na passa pelo rito não pertence à linhagem, é considerado criança, vai ser criado ou educado pelas mulheres.

Relações de dependência: Ofício tradicional

Caçador (mestre na caça, é o chefe, traz a proteína para a aldeia), ferreiros, escultores, artesãos (mulheres), mestres. Sábios: historiadores, botânicos, geógrafos, medicina, professores e matemáticos.

Relações de dependência e escravidão:

Escravidão ou o escravizado na imagem ocidental comum: Marginalizado/ dependência, pertencimento.

Escravidão: tornou-se escravo devido à condição da mãe, mercadoria que se comprava, vendia e herdava-se “bem móvel”, tinha controle sobre o seu destino, não escolhia sua ocupação ou patrão, não tinha direito à propriedade ou matrimônio e não controlava o destino dos filhos, que herdavam o status dos pais, eram propriedades dos senhores, podia ser maltratado e até morto por eles, escravizados, como grupo, formaram uma “classe” à parte, no nível mais baixo da escala social. A Imagem do escravizado remete a uma corporificação ou

corporização: “negros da África subsaariana e seus descendentes nas Américas”.
(Elaine Ribeiro)



Figura: Relação de dependência e escravidão

Fonte: Extraída do site Revista de História (Disponível em: <revistadehistoria.com.br>. Acesso em: 30 dez. 2016.)



Figura: Casal negro em plena atividade laboral, acompanhado de duas crianças

Fonte: Extraída do blog de Fabio Pestana Ramos (Disponível em: <fabiopestanaramos.blogspot.com>. Acesso em: 28 dez 2016.)

“Comércio inocente ou lícito” não havia restrição de matérias primas, a liberdade é a antítese da escravidão.

“Ir para a delegacia” era uma forma de os escravizados serem tutelados pelo Estado, a regulamentação do trabalho livre é tão ferrenha que os escravos preferem continuar escravizados obtendo a tutela do Estado, só que a condição de vida não era diferente. A diferença que existia é que esse senhor não podia maltratá-lo ou matá-lo, pois os escravizados estavam sob a tutela deles.



J. Baptiste Debret, *O jantar*, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, 1834 -1839

Há muitos caminhos para a redescoberta das “áfricas” no Brasil. Há dois meses retornei à sala de aula, e sei que hoje sou capaz de tratar de assuntos referentes à África dentro da sala de aula do 7ª e 8ª ano sem criar aquela folclorização que me foi ensinada.

Dentro de todo esse contexto exposto no meu portfólio eu resolvi fazer minha intervenção pedagógica sobre a “Influência dos escravizados no vocabulário brasileiro”, pois sabemos que muitas palavras foram incorporadas ao nosso português brasileiro devido a esses diferentes falares. A proposta que eu vou desenvolver com os alunos do 7ª e 8ª é o jogo Na trilha do preconceito, fazendo uma releitura com o jogo original para promover a reflexão e debate sobre estereótipos e preconceitos cristalizados no modo de pensar das pessoas sobre o povo negro e sua cultura. Usarei uma música da Mc Sofia com o título ‘África’ para dar início a

aula, em princípio acredito que eles estranharão, mas depois curtirão e farão perguntas:

Quem é que estava cantando?

Quantos anos ela tem?

De qual cidade ela é?

Como ela se interessou por essa causa?

Quando ela começou a cantar?

Aproveitarei a oportunidade para transformar essas perguntas em um trabalho de pesquisa, onde como mediadora os levarei a refletir sobre a realidade vivida por eles, que nem tudo está perdido, que há condições de se falar sobre racismo e temáticas envolvidas nesse contexto de forma lúdica, mas com um tom de responsabilidade social. Mostrarei aos alunos que ser negro não é “defeito” que eles podem ser autores de suas próprias histórias. Que o que a mídia mostra não é a última palavra, que cada um pode fazer diferente, “levantando a bandeira” contra o preconceito de todas as formas.

Dando continuidade trabalharei o jogo Na trilha do preconceito, onde desenvolverei a interação entre eles, pois para se jogar será necessário formar grupos de três a quatro alunos, eles terão a oportunidade de se expressar através de conversas, falarão sobre seus anseios e outras forma de preconceitos.

Trabalharei também palavras que não são do conhecimento deles, aquelas que foram trazidas pelos escravizados para o nosso país durante o tempo da escravidão. Essa atividade durou em média um mês, e foi desenvolvida no 8ª ano do ensino fundamental II.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a produção desse trabalho me fez vê a África e tudo que há nela de forma diferenciada, como eu disse no começo do meu trabalho que agi diversas vezes com preconceito, sei que foi por ter visto e ouvido tantas barbaridades, cresci num ambiente onde se falava piadas sobre negros e seus descendentes.

Graças a Deus já tivemos muitos avanços, mas poucos; creio que haverá um tempo em que todos serão um, não haverá essa discrepância que é latente, eu quero fazer parte dessa turma que luta por direitos iguais pela vida em comunidade, sem prevalecer a cor da pele ou o tipo de cabelo, a roupa que usa, o trabalho que tem, fugir desses padrões impostos por essa sociedade hipócrita que avalia as pessoas pelos que elas tem.

Sei que depois desse tempo de estudo poderei trabalhar de forma diferenciada nas escolas por onde eu passar, sei também que as amizades firmadas nessa pós eu levarei para minha vida, aprendi um pouco com eles e eles comigo, com os professores que passaram por aqui, cada um com seu jeito diferente de ensinar, carisma e disponibilidade. Deixaram suas casas dispuseram de seus fins de semana, para trazer até nós um pouco do tudo que eles estudaram e estudam. Muito obrigada!!!